

## Um crime mais que perfeito

Acordei de um sono pesado, relaxante, sem sonhos. Sorri, ainda de olhos fechados, e me espreguicei gostosamente, apesar da dureza do colchão.

Cocei a virilha. Pulgas. É claro que só poderia haver pulgas naquela cadeia de terceira categoria. Mas não me importei com isso. Meu plano tinha dado certo. Muito certo.

“Sou um gênio!”, pensei, satisfeito.

A cela onde eu estava não dava diretamente para a rua. A única janela gradeada, muito alta, fora do meu alcance, dava para um corredor largo. Nesse corredor deveria haver outras janelas também fortemente gradeadas, por onde se filtrava um pouquinho de luz natural. A luz que vinha de lá era tão pouca que quase não ajudava a complementar a fraqueza da única lâmpada da cela, que estava acesa. Lembrei-me que, à noite, deviam ser umas dez horas, ela tinha sido desligada. Pelo jeito, os regulamentos daquela cadeia miserável obrigavam que as celas ficassem na escuridão durante toda a noite. Eles tinham me tirado o relógio, mas aquela lâmpada acesa mostrou-me que já havia amanhecido.

Devia ser uma manhã feia, como adivinhei pelo barulho de uma chuva forte que eu podia ouvir lá fora.

“Que cadeia vagabunda!”, eu avaliava. “Acho que escolhi certo. Nem hora para o café da manhã essa gente tem. Ai, mas que tipo de café da manhã será que eles servem por aqui?”

Senti um pouco de fome. Mas sorri, ao pensar que, dentro de poucos dias, eu estaria em algum hotel cinco-estrelas, nos Estados Unidos talvez, sendo servido na cama por uma garçonete de peitos grandes transbordando para fora do decote. Fechando os olhos, pude até sentir o cheirinho do café servido em uma bandeja de prata, com o jornal do dia ao lado, um vasinho com uma rosa amarela, geleias, suco, pãezinhos quentes... Torci o nariz ao me lembrar da mania dos americanos de comer ovos fritos e *bacon* no café da manhã. E de que aquele jornal deveria estar escrito em inglês.

“Breakfast!”, praguejei para mim mesmo. “Na minha nova vida, acho que vou ter de aprender Inglês...”

Levantei-me e urinei na privada encardida do canto da cela, sem paredes para proteger o usuário dos olhares de fora.

Além das grades da cela, somente outro corredor, onde um carcereiro sonolento

ficara todo o dia anterior resmungando e ouvindo seu radinho de pilha.

A mesinha do carcereiro estava vazia. Sobre ela, o tal rádio, mudo.

“Melhor!”, pensei. “Quanto menos eu tiver de ver a cara desses caipiras, melhor!”

Meu plano tinha sido mais que perfeito. Irretocável!

\* \* \*

A ideia me ocorreu numa boate enfumaçada, quase deserta, no mesmo instante em que prestei atenção a um garçom, olhar morto, que mecanicamente limpava o balcão com um pano encardido.

Como se parecia comigo! Era o próprio derrotado, um humilde trabalhador da noite, sobrevivendo à custa de magras gorjetas de clientes bêbados, mas tinha a minha boa aparência. Obviamente aquele garçom era muito burro para viver de sua figura, como eu fazia tão bem com a minha, conquistando riquezas solitárias.

Naquela madrugada, na boate, eu me sentia também um derrotado, quase como o pobre garçom. Eu escolhera a dedo a ricaça que me pareceu certa. Meia-idade, sozinha, carente... A mulher certa para casar e garantir o meu futuro antes que o tempo viesse roubar-me a juventude, a força e a capacidade de conquistar facilmente as mulheres que me sustentavam.

Mas aquela mulher... Ah, revelara-se uma bruxa logo depois do casamento. Tratava-me como uma criança dependente, dava-me uma mesada ridícula, mantinha-me sempre à vista, sempre a seu serviço, sempre tolhido, acorrentado àquela mansão como um cão no quintal.

O garçom, tão parecido comigo, inspirou-me a ideia na hora. Amadureci-a durante uma semana e voltei à boate, como o plano arquitetado. Lá continuava o garçom, na mesma vidinha, enxugando o mesmo balcão, vivendo a mesma derrota. A mim bastou aproximar-me com uma gorjeta gorda para conquistar a confiança do homem.

Fizemos amizade. Encontrava-me às vezes com ele, até mesmo fora da boate. O sujeito vinha sempre com uma conversa sobre a mulher doente, sobre os três filhos pequenos... Uma chatice! Mas eu fingia interessar-me e às vezes arranjava-lhe um dinheirinho, nada grande, separado do que eu consegui arrancar da avareza da mulher. O resto eu guardava, juntava, gastando o mínimo possível, a fim de garantir o capital necessário para

o dia da ação principal.

Dizia ao garçom que aquilo era um “empréstimo entre amigos”. Os tais empréstimos eram dinheiro que jamais voltaria, eu estava cansado de saber. Mas fazia parte do plano. Era um investimento até barato para o retorno que eu tinha em mente.

As poucos, encontrei uma maneira de ir direto ao ponto. Disse ao garçom que queria fazer uma brincadeira com uns amigos do interior. Tudo o que ele precisava fazer seria ir a uma certa cidadezinha, bem próxima da capital, fingir-se de bêbado e armar uma briga em um bar. Devia fazer o estrago que pudesse, quebrar algumas garrafas, algumas cadeiras, e sair depressa no carro que eu lhe emprestaria.

A quantia de dinheiro que dessa vez eu ofereci foi muito bem acolhida pelo pobre garçom e calou algumas perguntas que talvez sua pouca inteligência estivesse sugerindo.

Deu tudo certo. Tudo mais do que certo. O homem fez tudo como eu planejara.

\* \* \*

Em casa, eu preparara o terreno com habilidade. Mostrara-me interessado em procurar terras no interior para ajudar minha esposa a investir sua fortuna. Logo, a bruxa, os empregados da casa e meus poucos amigos sabiam disso. A bruxa até pareceu satisfeita, ao ver o marido interessado em outra coisa além de tomar-lhe dinheiro.

No dia escolhido, vestindo um terno espalhafatoso, saí pilotando o Mercedes da mulher. Dirigi para a cidadezinha escolhida, distante uns sessenta quilômetros, e registrei-me no único hotelzinho do lugar. Andei bastante por lá, visitando corretores, perguntando sobre escrituras no cartório de registro de imóveis, fazendo que me vissem bem, ajudado por aquele terno diferente.

À noite, dirigi para fora da cidade, para o encontro marcado com o garçom, em um ramal deserto da estrada. Às dez horas, como esperado, o homem apareceu, a bordo do seu carrinho caindo aos pedaços. Trocamos de roupa, e o garçom sorriu ao vestir um terno como aquele.

– Não se esqueça – lembrei ao garçom. – Vá para o bar, finja-se de bêbado e, lá pela meia-noite, quando o proprietário quiser fechar, faça-se de ofendido, diga que não vai sair e comece os estragos. Não precisa exagerar, mas faça o maior estardalhaço possível.

– Pode deixar – concordou ele, antegozando a diversão.

Entrou no Mercedes e rumou para a cidadezinha.

Quando o carro desapareceu de vista, entrei no carrinho dele, fazendo o retorno para a capital. A outra parte do meu plano, a mais importante, ficara a meu encargo.

Eu ria comigo mesmo. Enquanto eu estivesse na capital, realizando aquela parte mais importante do plano, o garçom, que era quase a minha cara, dirigindo meu carro, vestindo minhas roupas espalhafatosas, realizaria a segunda metade do plano, fazendo estragos no tal barzinho. Era o meu álibi. Perfeito.

\* \* \*

Nem os empregados da casa nem os amigos souberam que eu voltara para a capital naquela noite.

A bruxa soubera. É claro que soubera. Tinha de saber. Mas a surpresa que começara a estampar-se em seu rosto emplastado pelos cremes que todas as noites lhe cobriam a cara desapareceu com o tiro.

\* \* \*

Dirigindo o velho carrinho, voltei calmamente para o mesmo ponto da estrada, para o segundo e último encontro com o garçom. Passava de uma hora da madrugada.

O homem não demorou a chegar, dirigindo o Mercedes. Nem percebeu que eu estava diferente, mais nervoso do que o normal. E, mesmo que percebesse, não perguntaria nada, de tão excitado que estava com a própria aventura e com o dinheiro que embolsaria como pagamento pela diversão daquela noite.

Paguei-lhe o combinado e trocamos novamente de roupa. O homem continuava rindo-se das “brincadeiras” e dos estragos que promovera naquela noite. Naturalmente o pobre-diabo não fazia a menor ideia do meu plano. Principalmente da parte em que deveria representar seu melhor papel. O papel de cadáver.

Aquele trecho de estrada de terra era perfeito. Recuado, escuro como breu. Bem perto, uma pequena cachoeira encobriria o barulho que eu teria de fazer. Andamos uns vinte metros, rindo muito, até a beira da água, pois eu dei a desculpa de precisar urinar.

O pobre homem, pondo-se também a urinar a cerveja que consumira antes de fazer o que eu lhe tinha sugerido, estava de costas para mim e ainda ria de suas aventuras quando eu apontei a automática para sua nuca. O estalo seco do tiro misturou-se ao murmúrio da cachoeirinha e o homem caiu para a frente, com a cara na água. Nenhum grito, nenhum gesto.

Ao longe, tudo o que se ouvia eram os latidos de um cão.

Abaixei-me e revistei os bolsos do cadáver. Peguei de volta o dinheiro que lhe havia dado, junto com os trocados miseráveis que o homem trazia consigo e com os documentos que encontrei. Tirei-lhe do pulso o relógio barato e arranquei-lhe do pescoço uma correntinha, na certa uma pobre imitação de ouro, com uma medalhinha de algum santo que não reconheci. Tudo pronto, empurrei o cadáver mais para dentro da água.

Estava feito.

Quem se importaria mais tarde com aquele cadáver? Quem se importa hoje em dia com mais uma vítima de assalto? Ou com um velho carro popular abandonado na estrada? Aquele era um pobre coitado. Vivera como um pobre coitado e morrera como um pobre coitado. Pensariam que fora assaltado e assassinado por outro pobre coitado e como um pobre coitado seria enterrado. Sem identificação. Na vala comum dos pobres coitados.

Nem me ocorreu que, atrás do pobre coitado, ficara uma viúva com três crianças pequenas. Mas isso não me importava. Não havia viúvas nem crianças pequenas em meu plano. E meu plano era mais que perfeito.

Entreí no Mercedes e, quando achei que a distância era suficiente, comecei a jogar fora, a cada três ou quatro quilômetros, a correntinha, a medalhinha, o relógio e os pedacinhos dos documentos, que fui rasgando.

\* \* \*

Dirigi calmamente para a cidadezinha. Eram quase duas horas da madrugada quando entrei no hotel, fazendo um pouco de barulho, cambaleando como bêbado, naquele ponto em que a vontade de fazer arruaças provocada pelo álcool já se transformava em sono. Estava certo de que o idiota do porteiro noturno do hotel se lembraria mais tarde que me vira entrar.

É lógico que mal consegui dormir mas, de manhã, estava alerta e barbeado, vestindo o terno espalhafatoso. O resto do plano a população e a polícia da cidadezinha cumpriam facilmente. Saí do hotel, respirando o ar da manhã.

O comércio estava começando a abrir suas portas, e eu não fiz nenhuma questão de passar despercebido. Parei na prefeitura, fui ao cartório, falei alto, pedindo para consultar escrituras, mostrei-me malcriado, saí.

Fui até o barzinho onde o falecido garçom fizera sua algazarra na noite anterior. Pedi um café e um bolinho que nem ousei morder. Notei a surpresa do proprietário. Fiz-me de desentendido, paguei e fui saindo.

Andei meio sem destino, vagorosamente, em torno da pracinha.

Não demorou e um policial aproximou-se, dando-me voz de prisão. Com o canto dos olhos, eu pude ver o dono do barzinho, que ficou a uma distância cautelosa, mas que certamente trouxera o policial e me apontara.

A última parte do plano estava completa.

Eu representara direitinho. Mostrara-me surpreso com o que estava acontecendo. Esbravejara. Pedira para telefonar ao meu advogado. Consentiram. Telefonei para a casa do advogado da minha mulher, que acordou e prometeu correr para a cidadezinha. Isso também fazia parte do plano. O advogado deveria estar na estrada, indo para lá, quando tentassem localizá-lo para comunicar a morte de uma de suas clientes mais ricas.

Colocaram-me em uma cela. A única que estaria ocupada. A cadeia da delegacia era minúscula, mas poderia ser menor ainda. Aquela porcaria de cidade era tão incompetente que nem o crime tinha chegado até lá.

Duas horas depois, o advogado chegou, falou com o delegado e prometeu conseguir um *habeas-corpus* na manhã seguinte.

– Infelizmente, o senhor vai ter de passar esta noite aqui.

Eu sabia disso. Fingi-me de ofendido. Disse que tudo aquilo era um absurdo. Que não ficaria assim. Eu sabia que, no final das contas, bastaria pagar pelos estragos feitos pelo falecido garçom e tudo ficaria bem.

À tarde, voltara o advogado. Vinha vermelho, nervoso, sem saber como começar a falar.

Mais uma vez, eu representara magistralmente. Quando soube da morte da minha

esposa, descabelei-me, exigi que me soltassem, ameacei novamente.

O delegado mostrou-se sensibilizado, mas nada podia fazer sem a ordem de um juiz. O tal *habeas-corpus* só viria na manhã seguinte e eu tinha de conformar-me com uma noite na cadeia. O advogado voltou a repetir “infelizmente”, desculpou-se e acabou indo embora.

\* \* \*

Eu ficara sozinho em minha cela. Como esperava. Com o álibi mais sólido do mundo. Estava preso por um pequeno delito que aquele garçom cometera por mim enquanto eu matava minha mulher, na mesma hora e a sessenta quilômetros da cidadezinha! Por isso, naquela manhã, eu acordara tão feliz, trancado numa cela de prisão.

“Genial! Brilhante!”, eu mesmo me cumprimentava. “Eu sou um gênio. Um gênio rico!”

Senti vontade de rir, de gritar, de dançar, mas era obrigado a manter as aparências. Tinha de parecer arrasado com a morte de minha mulher e revoltado por estar naquela cadeia miserável.

Mas aparentar tudo aquilo para quem? Até aquele momento, o carcereiro não aparecera. Nada do café da manhã. Nem um ruído se ouvia na cadeia.

Ruídos? Vindo do lado de fora, ouvia-se algum barulho. Os ruídos eram diferentes, mas pareciam nervosos, nervosos demais para uma cidadezinha pacata como aquela.

A chuva parecia aumentar. Trovoadas e clarões de raios volta e meia iluminavam o interior da cadeiazinha. Uma tempestade daquelas! Dessas em que todo mundo devia ficar em casa, protegido. Mas nada disso parecia acontecer. Ao contrário. O que eu ouvia eram carros passando em velocidade, alguém gritava. Mais alguém. Gritavam o quê? Nada dava para entender.

Só a cadeia estava silenciosa. O que estava acontecendo?

– Ei, vocês aí! Alguém! O que está havendo?

Colado às grades da cela, eu chamei e chamei e chamei.

Nada. Nenhuma resposta.

Fora, aumentavam os gritos. Que diabo seria aquilo? Parecia... pânico!

Pânico? Por que o raio daquela gentinha de uma minúscula cidade do interior ficaria

em pânico? Ah, se o maldito carcereiro aparecesse!

– Carcereiro! Carcereiro!

Silêncio dentro da cadeia. Barulho lá fora.

Deixei-me cair sobre o catre. Que se danasse o carcereiro e toda a excitação da maldita cidadezinha! Eu não tinha nada com isso. Dentro de poucas horas, estaria fora dali, a quilômetros de distância. O advogado deveria chegar em pouco tempo com o bendito *habeas-corpus*. O resto que se danasse!

De repente, no meio da confusão externa, das aceleradas e do ranger de pneus partindo em velocidade, consegui distinguir um dos gritos. Ouvi perfeitamente:

– Vamos fugir daqui. Rápido. Não temos mais tempo!

Fugir? Por que raios de razão estaria aquele caipira cretino querendo fugir?

Eu precisava ver o que estava acontecendo. Talvez, se conseguisse arrastar a cama para perto da janela gradeada...

O catre era leve e eu pude facilmente colocá-lo de pé, encostado à parede. Agarrei-me, escalei a cama e estiquei os braços. Talvez pudesse alcançar a borda da janela...

Mas o catre, além de leve, era frágil. Entortou com o meu peso e ruiu. Desabei junto com o catre antes que meus dedos pudessem atingir o peitoril da janela gradeada. Abaixo, só o chão de cimento.

“Tléc!”, fez minha perna ao bater no chão, e uma dor aguda, lancinante, percorreu-me todo o corpo, indo ferver-me a cabeça, numa explosão de sangue e sofrimento.

– Ahhhh!

Fiquei imóvel durante algum tempo. A perna parecia ter partido mesmo. O osso da coxa. Como era mesmo o nome daquele maldito osso? Ri, nervoso, suando frio. Eu nunca dera mesmo muita atenção à escola.

– Alguém! Carcereiro! Alguém me acuda! Estou ferido!

A fratura do maldito osso sem nome doía como o diabo. Amaldiçoei a curiosidade que me levava a tentar espiar lá fora. O que eu tinha a ver com aqueles idiotas que estavam querendo fugir por alguma razão mais idiota ainda?

– Calma... – balbuciei para mim mesmo. – Eu não tenho nada com isso. O que é uma perna quebrada? Isso se conserta. Vou ficar novinho em folha. Novinho e rico. Calma... está tudo bem, está tudo bem...



Havia uma caneca de metal caída perto de mim. Rolara quando tudo viera baixo. Peguei-a e comecei a bater no chão de cimento, desesperadamente.

– Alguém! Socorro! Guardas! O que está acontecendo?

Arrastei-me até as grades. Por que o maldito carcereiro não aparecia para ouvir aquele maldito rádio?

Bati com a caneca nas grades. Alumínio contra ferro, o barulho era muito maior. Certamente seria ouvido até lá fora. Certamente alguém ouviria. Certamente alguém...

“Pein, pein, pein!”, fazia a caneca batendo contra as grades.

Mas ninguém apareceu. Ninguém parecia ouvir. Lá fora, aos poucos, os ruídos foram diminuindo. Aos poucos, só o “pein, pein, pein” de minhas batidas ressoava, tendo o forte barulho da chuva como acompanhamento.

A caneca já estava totalmente amassada e meus dedos doíam quando eu desisti de bater nas grades. Por um instante, só o ruído da chuva entrava na cela.

“Alguma coisa... alguma coisa diferente deve ter acontecido”, eu concluí. “Afinal de contas, nenhuma cadeia fica assim vazia. Afinal de contas... Calma, preciso ter calma. Tudo está sob controle. Logo que me levarem a um médico e me engessarem essa perna, tudo vai ficar bem...”

Caído no chão, ergui os olhos para a mesa do carcereiro. Lá estava o radinho de pilha.

“O rádio! Se eu pegar o rádio...”

A perna doía muito a cada movimento, mas consegui arrastar-me até a cama caída e pegar um lençol. Arrastei-me de volta para as grades e passei o lençol para fora. Apoiei-me em uma das mãos e levantei-me, sustentando-me na perna boa.

Estiquei o braço com o lençol para fora das grades. Dei um impulso e joguei-o na direção da mesinha do carcereiro, sem largar a ponta.

Falhei. Recolhi o lençol e tentei de novo.

Falhei novamente. A perna quebrada, solta, balançando a cada movimento, a dor aumentando... Eu queria deitar-me novamente, mas precisava do rádio. Precisava de uma voz humana que me explicasse o que estava acontecendo.

Numa última tentativa, o lençol abriu-se por sobre toda a mesinha.

Respirei fundo. O suor corria-me pelo rosto, pelo corpo todo. Um suor de medo, um

suor de dor, transformando-se em pânico.

Lentamente, fui puxando o lençol para mim. O pano agarrou-se ao que havia sobre a mesa. Lápis, um bloco de papéis e.. o radinho!

Com cuidado, arrastei o radinho até a beira da mesa. Mais um pouco, mais um pouco e...

Pronto! O radinho estava no chão. Bem mais próximo. Em seguida era só jogar o lençol novamente e arrastá-lo para mim.

Dessa vez foi fácil. O radinho era leve e veio docilmente, como um peixe cansado de lutar com a rede.

Estiquei o braço e agarrei a presa.

Tinha o rádio. Liguei-o apressadamente. Só estática. Girei o seletor, tentando melhorar a sintonia, procurar outra estação, mas...

– Droga! O radinho quebrou-se ao cair da mesa!

Não havia como mover o ponteiro. Encostei o ouvido no pequeno alto-falante e fiquei tentando distinguir alguma coisa em meio à matraca da estática.

Uma voz masculina, distante, driblava vez por outra os chiados. A voz parecia excitada, assustada, diferente da calma absurda dos locutores, que conseguem noticiar as maiores barbaridades com o mesmo tom com que apresentam a próxima atração.

“Réééc... voltamos a repetir... réééc... atenção... réééc...”

– Diabo de estática! Diabo!

“Aviso a toda a população... réééc... repetir... réééc... toda a área deve ser... réééc... réééc... réééc...”

– Maldita! Maldita estática! O que está havendo? O que está havendo?

O radinho calou-se.

Desesperado, soquei o rádio, com raiva.

A estática voltou. Mas só a estática.

– Maldita... ah, maldita...

Eu mal tinha forças para gritar. De meus lábios, os pedidos de socorro voltaram a sair, mas dessa vez mais na forma de lamentos.

– Socorro... me acudam... eu estou ferido... estou sozinho... ai, meu Deus, eu estou sozinho... não me deixem sozinho... pelo amor de Deus... Não me deixem sozinho...

Eu estava chorando. As lágrimas quentes corriam-me pelo rosto e eu soluçava como um bebê.

Subitamente, o radinho voltou a falar, dessa vez um pouco mais claro:

“Rééc... voltamos a... rééc... a barragem rompeu-se... a barragem rompeu-se... rééc... toda a área vai ser inundada... rééc... a defesa civil alerta: fujam todos! Não levem nada. A força das águas da represa destruirá o restante da barragem! Toda a área vai ser inundada! Fujam! Fujam! Fujam pela vida!... rééc...”

O quê?!

A surpresa fez cair o radinho das minhas mãos. Eu e ele ficamos sem fala.

Mas àquela altura eu não precisava mais do rádio. Já sabia por que estava sozinho. Compreendia subitamente todos os ruídos de pânico que ouvira lá fora. A chuva fora forte demais. A barragem rompera-se e a cidade ia ser inundada! Tudo ficaria debaixo d’água!

Por isso todos tinham fugido. Os caipiras, o delegado, os guardas, o carcereiro. Todos escapariam do afogamento. Todos, menos eu.

O que me restava naquele momento era só a morte. Morte horrível. Imaginei as águas chegando, invadindo a cela, subindo... Imaginei-me tentando escalar as grades, fugir das águas, mas percebi que nada adiantaria. Meu destino estava traçado. Eu morreria afogado como um rato de esgoto!

Perdi completamente o juízo. Esqueci-me de tudo, do plano, da riqueza que estivera ao alcance de minhas mãos, da dor, e pus-me a lutar pela vida.

– Socorro! Vocês não podem me deixar aqui! Não podem! Voltem! Me ouçam! Eu fui preso por engano! Eu não tenho nada a ver com essa cidade! É tudo um engano! Não fui eu que briguei no bar! Não era eu! Me levem pra capital! Me entreguem pra polícia da capital! É lá que eu devia estar! Socorro! Não fui eu! Foi o garçom, foi o garçom que brigou no bar! O garçom! Ele agora está morto! Está morto, jogado num riozinho! Procurem! Fui eu! Fui eu que o matei! Era tudo um plano, um plano... Pra não pensarem que tinha sido eu! Pra que não soubessem que eu estava em casa naquela hora... Eu estava matando a minha mulher! Me acudam! Fui eu! Fui eu que matei a minha mulher! A minha mulher! Eu a matei! Eu a matei! Me levem pra capital! Me salvem! Fui eu! Fui eu! Eu não quero morrer! Eu não quero morrer!

Naquele exato instante, o barulho da chuva cessou como por encanto e outros ruí-

dos invadiram a cela.

Caído no chão, desesperado pela dor e pela perspectiva da morte próxima, demorei a compreender por que, de repente, uma pequena multidão invadia a cela.

Através das lágrimas, vi os guardas, o delegado, o carcereiro do radinho e mais alguns homens que eu nunca vira antes.

Um deles, o mais velho, meio gordo, vestindo um terno amarrotado, foi o primeiro a entrar na cela, depois que o carcereiro a destrancou.

– Muito bem. Conseguimos! – festejou uma voz no meio do grupo.

O tira mais velho acorou-se ao meu lado. Sorria levemente. Com calma, tirou um cigarro do maço, acendeu-o e estendeu-o para mim.

– Você... quem é você? – balbuciei, atônito. – O que aconteceu? A barragem...

– Está firme como sempre esteve, fornecendo energia para metade do Estado – respondeu o tira.

– Mas então... eu... o rádio? O locutor...? Ele...

– Uma gravação, meu caro. Uma engenhosa gravação embutida no radinho. Você quase pôs tudo a perder quando socou o radinho. Mas era um risco que tínhamos de correr.

– Mas a chuva...? A tempestade...?

– Está um Sol lindo lá fora, meu caro. Nada que uma boa gravação não possa disfarçar. Você sabe, a tecnologia de hoje...

Meus lábios tremiam, eu custava a compreender. Tudo acontecia muito rápido.

– Mas o meu plano... o meu álibi...

– Era perfeito, meu caro. Era mais que perfeito...

Comentário do Pedro sobre seu conto “Um crime mais que perfeito”, inspirado no conto “O coração denunciador”, de Edgar Allan Poe.

Comecei como leitor desde os albores da década de 50 do século passado. No meu tempo, escolas não recomendavam leituras para provas e quem lia o fazia por prazer. Assim, logo em seguida aos livros infantis que havia na época, logo depois de Lobato, meninos como eu fui mergulhavam em autores de humor como Mark Twain, de aventura

como Jack London, de folhetins emocionantes como Rafael Sabatini, Edgar Rice Burroughs ou Maurice Leblanc, de mais aventuras, ficções ou dramas dilacerantes como Alexandre Dumas, Júlio Verne ou Victor Hugo, e ninguém escapava dos autores de mistério. Quem da minha geração não se deliciou com Arthur Conan Doyle ou Agatha Christie?

Lembro-me muito bem, porém, de “Histórias extraordinárias”, de Edgar Allan Poe. Talvez o primeiro contista que li tenha sido Mark Twain, mas o tal Poe logo me fez a cabeça. Que loucura “O barril de amontillado”! E “O gato preto”, então? Logo, apaixonado que sempre fui por cinema, degustei as personificações barrocas que Vincent Price e Peter Lorre fizeram destes e de outros contos do Poe. “O coração denunciador”, porém, é o conto puro, algo que não se pode adaptar para o cinema – é conto mesmo, Literatura pura! Assim, quando recebi a incumbência de manifestar minha ligação com esse autor americano através de um novo conto, imediatamente me veio à cabeça a obra-prima que ainda é “O coração denunciador”, com um narrador em primeira pessoa em que sua tensão pós-assassinato cresce como uma avalanche e o leva, sem qualquer intervenção externa, a confessar o próprio crime. É claro que eu não quis fazer uma versão do conto do Poe. Criei, então, uma história absolutamente nova, utilizando dele somente a magnífica chave do crescendo da tensão que leva ao desfecho surpreendente.

Que bom foi ler Poe! E que bom foi escrever na cola dele! Se temos de aprender, vamos aprender com os melhores, não é?